

QUANDO O ROCK PERDE O SEU LUGAR NA CIDADE: DISPUTAS E CONFLITOS A PARTIR DO CASO DA PRAÇA CHICO MENDES.

BRUNO MENDES MESQUITA¹

1) Introdução

A música, a estética e a cultura rock hoje estão espalhada pelo mundo inteiro. Uma expressão cultural urbana que surge no pós-segunda guerra mundial nos EUA por volta dos anos 50/60 transformando a maneira de como a juventude se manifestava naquele momento. Seu processo de difusão pelo mundo esteve ligado tanto ao contexto de criação de instrumentos técnicos-científicos-informacionais (SANTOS, 1996) que possibilitaram a difusão de um meio geográfico que estabeleceu uma nova relação das pessoas com e entre os lugares, quanto ao contexto geopolítico da guerra fria de difusão de um modelo cultural e ideológico dos EUA. Desta forma, o rock tem sido uma cultura plural marcada por distintas formas de usos e disputas acerca da interpretação do real. Nosso intuito é avaliar as dimensões espaciais desta cultura, os seus protagonistas e as distintas formas de uso e apropriação dos espaços urbanos. Assim, entendemos que será necessário avaliar uma dimensão desta cultura plural, o rock *underground*, parcela da cultura rock herdeira de uma pensamento crítico e que constrói-se cotidianamente no espaço urbano a partir do enfrentamento e busca por significados, em bairros periféricos e demais locais pouco atrativos à especulação imobiliária, onde os músicos e fãs são os principais agentes desse processo.

Em nosso trabalho estudaremos como a cultura rock *underground* forma, disputa, se articula, constrói e reconstrói o espaço urbano na cidade de São Gonçalo. A nossa hipótese inicial é que essa articulação espacial se dá através de um território-rede (HAESBAERT, 2002), por isso buscaremos entender as dinâmicas nos nós dessa rede, como ocorre a sua descontinuidade e a sua integração, suas estratégias de usos formadas por relações de poder e tentativas de controlar e influenciar o espaço geográfico, apresentando um conflito de uso com outros grupos ao tratar do caso específico da Praça Chico Mendes.

Esse respectivo local configurou-se com um importante lugar de encontro do rock *underground* gonçalense, onde durante principalmente os finais de semana, os jovens frequentavam-no para conversar, tocar violão, consumir bebidas alcóolicas, ouvir música,

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

namorar (a praça inclusive já foi palco de eventos de vários eventos do *underground*, como festivais de música e competições de skate).

2) Rock, cultura e geografia

No decorrer da década de 1950, economicamente suplantada e terminada a 2ª Guerra Mundial, se radicava uma sociedade de consumo cuja decorrência principal foi o “destaque que a juventude passou a ter como classe estudantil, como consumidores e como molde da cultura de massa” (SARMENTO, 2006, p.5). De acordo com Sarmiento (2006), o surgimento dos jovens (tema que muito interessa a esse estudo) e o movimento feminista foram duas novidades que deram ímpeto a essa nova fase do capitalismo-burguês. É nessa conjuntura que é criada a contracultura – baseada fundamentalmente na cultura rock. Ainda antes disso, o rock já havia surgido como movimento de contestação negra, derivado do *gospel*, *blues* e *jazz* e, conseqüentemente, do *rhythm and blues*, com elementos da música *folk* e *country*.

Porém, “o mercado rapidamente percebeu que a juventude estava se tornando um grupo de sujeitos conscientes de si mesmos e não perdeu a oportunidade de oferecer-lhes produtos, serviços e bens de consumo” (SARMENTO, 2006, p.7). Da mesma forma como faz com a maioria dos movimentos de contestação, a indústria fonográfica destituiu de conteúdo o rock, ao adicioná-lo ao seu modo de produção e consumo. A comunicação massiva foi fundamental nesse processo, uma vez que é a via de difusão desse estilo de vida e do próprio rock: “Os jovens não queriam mais simplesmente assistir demonstrações de prazer, liberdade e felicidade oferecidos pela sociedade do sonho, criação da indústria cultural. Queriam eles mesmos experimentá-los na vida real” (SARMENTO, 2006, p.15).

Apesar dos esforços da indústria fonográfica, o rock continua como contestação e, a cada época, a cada renovação, propõe e reflete sobre os novos questionamentos da sociedade, novas formas de percepção estética e novos valores aos jovens.

Contudo, na virada da década de 1970 para 1980, já com o rock consagrado com um dos principais ritmos musicais de sucesso, o sonho de vários jovens era ser artista. A dificuldade de se inserir na indústria fonográfica, somados com o sentimento de não pertencimento com o tipo de rock expostos na mídia (fazendo surgir estilos de rock diferentes, como o *punk rock*² e o *heavy metal*³), ensejou a criação de uma válvula de escape, uma mídia paralela para a divulgação de novas bandas.

² O *punk rock* é um subgênero do rock que surge em meados da década de 1970, pregando a cultura do “faça você mesmo”, a simplicidade nas composições e a crítica aos valores da sociedade burguesa.

³ O *heavy metal* também é um subgênero do rock que surge na virada da década de 1970 pra 1980, incorporando a ideia do “faça você mesmo” do *punk*, mas resgatando o virtuosismo dentro da música e atrelando sua crítica social principalmente a uma crítica religiosa, através da resignificação dos símbolos religiosos.



Funcionava dessa forma: os leitores escreviam para os *fanzines*⁴ pedindo para conhecer bandas de determinados estilos de rock deixando o seu endereço, daí outro leitor enviava para ele uma fita com uma banda de seu gosto. Nascia, assim, a troca de fitas, que ajudou a divulgar muitas bandas e a criar a rede de informações do *underground* (CHRISTE, 2010):

“Trocar fitas era um tipo de divulgação singular, um sistema de promoção moldado de acordo com o sucesso do artista, encorajando a criatividade enquanto alimentava pequenas tendências. Bandas desvairadas como o Overkill, Hrax e Voivod venderam milhares de fitas demos em razão da fama que obtiveram em fanzines, anúncios de troca de fitas e aparições em listas de agradecimento de álbuns e demos de outras bandas”.

É importante salientar que muitas bandas “famosas” no *underground* nunca chegaram se quer a gravar um disco, e apesar disso são conhecidas mundialmente, fato que mostra a força dessa rede de informações.

“Muitas das grandes e influentes gravações do black metal⁵ nem sequer apareceram em vinil, mas foram compartilhados internacionalmente por milhares de trocadores de fita do underground” (CHRISTE, 2010):

Nessa conjuntura as pequenas lojas de disco também se tornaram peça importante para a divulgação do rock *underground*. Esses estabelecimentos se configuravam como ponto de encontro onde os jovens partilhavam o apreço pelos novos gêneros dentro do rock e também trocavam informações. Dessa forma, mitigando a ausência de uma mídia especializada (CHRISTE, 2010).

O conjunto das pequenas lojas de discos, somados aos *fanzines*, a troca de fitas e as pequenas gravadoras criaram um mercado para o rock que funciona em paralelo com a indústria fonográfica.

Em meu trabalho, faço uma divisão. O rock da indústria fonográfica é por mim enquadrado dentro do circuito superior da economia (SANTOS, 1979), pois é atrelado ao grande capital, a produção em escala industrial e a parceria com o Estado. Já o rock *underground* faz parte do circuito inferior da economia (SANTOS, 1979), pois é atrelado à informalidade, ao subemprego, ao amadorismo e à produção em pequena escala.

Essa divisão econômica e cultural dentro do rock ensejará uma estratificação socioespacial. Existem vários atores que disputam o uso do espaço urbano (CORREA 1989, SANTOS 1994, LEFEBVRE 2008). O rock da indústria fonográfica, por estar aliado ao grande capital, é um dos atores privilegiados nessa formação, ocupando as melhores casas de

⁴ Fanzine é uma revista editada por um *fan* (fã, em português). Trata-se de uma publicação despreziosa, eventualmente sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor (faneditor).

⁵ Black Metal é um subgênero do Heavy Metal, que surge na Noruega na virada da década de 1980 para 1990, pregando o paganismo e o satanismo como enfrentamento a uma religião cristã opressora, se valendo de atos terroristas, como incendiar Igrejas, para cumprir seus ideais.

shows, nos melhores bairros da cidade, recebendo incentivos fiscais em parceria com o Estado para a realização dos grandes festivais. Por outro lado, o rock underground se configura com uma prática estética desprivilegiada nessa lógica, os seus bares, lojas e galerias localizam-se em bairros periféricos ou pouco atrativos para a especulação imobiliária, ocupando espaços de medo como praças públicas, ruas e passarelas em locais violentos (LOPES, 2006).

Abordarei, portanto, a geografia do rock underground na cidade de São Gonçalo a partir do caso específico da Praça Chico Mendes. Procurarei compreender as dinâmicas de sua ocupação territorial enquanto prática sociocultural desprivilegiada, sua busca por significação e identidade que se configura principalmente na busca de criação e manutenção de seus próprios espaços.

3) Base teórico-conceitual e metodologia de investigação

Estudar o rock é trabalhar com as contradições, expectativas, percepção estética e valores dos jovens. Dessa forma é fazer uma análise social rompendo com uma visão predominantemente economicista, onde a única contradição se constitui no plano das relações de produção: o trabalho frente ao capital (MARTIN-BARBERO, 2009).

Atores sociais como a mulher, os jovens, os inválidos, os aposentados, os negros, com suas reivindicações específicas não eram levados em conta pelos partidos políticos e pela academia, pois suas demandas eram julgadas mistificadoras e enganosas por não fazerem parte diretamente da contradição capital versus trabalho (MARTIN-BARBERO, 2009). Entretanto, já na década de 1930 se inicia a crítica a esse posicionamento dentro do próprio conjunto de pensadores marxistas (C.H. COOB, 1976). Antonio Gramsci se insere nesse debate.

Na década de 1960, vemos essas críticas tomarem novo corpo. Pensadores que configuram a chamada Nova Esquerda, como E.P. Thompson, que propõe explicitamente a impossibilidade histórica de separar taxativamente a luta operária das “lutas plebeias”, de modo que fazer a história da classe operária implica necessariamente em fazer a história da cultura popular; e H. Lefebvre, que levanta a relevância da questão urbana no mundo contemporâneo, buscam atualizar o debate marxista incluindo demandas até então rechaçadas.

Nesse contexto surge o conceito de subculturas, desenvolvido principalmente pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham*. Entre as linhas de pesquisa desenvolvidas por seus teóricos destacava-se a investigação sistemática dos estilos e das atividades dos diferentes grupos juvenis surgidos no pós-guerra – *teds, rockers, mods, rastafaris, skinheads*. Obras seminais como *Resistance through rituals* (Hall &



Jefferson 1976), *Profane culture* (Willis 1978) e *Subculture: the meaning of style* (Hebdige 1979) cogitavam legitimizar a vida subcultural juvenil, compreendendo-a como uma conduta social razoável e coerente, e não como um sintoma de demência ou iniquidade (FILHO & FERNANDES, 2005).

A partir da década de 1990, os estudos subculturais britânicos se tornaram alvo de contínuas críticas. Dentre as principais estão, segundo João Freire Filho e Fernanda Marques Fernandes:

“elitismo cultural, consubstanciado na distinção entre as apropriações criativas, rebeldes das subculturas e o consumo passivo, conformista da maioria dos jovens, excluídos do escopo da análise subcultural (Clarke 1990; Negus 1996: 13-35; Thornton 1995; Grossberg 1987); negligência no tratamento das práticas culturais femininas, centradas no espaço doméstico (McRobbie & Garber 1976; McRobbie 1991; Lincoln 2004) ou localizadas dentro do perímetro mesmo das subculturas espetaculares (Reddington 2003) e teorização precária da presença e influência dos jovens e da música negra, da “questão racial” e do racismo no universo subcultural (Böse 2003)”.

No meu trabalho, utilizarei o conceito de cena musical, definido por Geoff Stahl como um tipo específico de conjuntura cultural urbano e prática de codificação espacial, que oferece meios diferenciados para abarcar os complexos circuitos, afiliações, redes e pontos de contato que informam as práticas culturais e as dinâmicas identitárias dos grupos juvenis, no contexto dos espaços urbanos contemporâneos.

Para trabalhar com o rock, torna-se necessário se delimitar um conceito de juventude. Identifico-me com o conceito de jovem de Janice Sousa (2006), onde a autora compreende que:

“o jovem se dimensiona individualmente e sob a influência de aspectos psicossociais, num percurso de (in)definições: busca identitária, tendência de estar em grupo, deslocamento constante de situações e vínculos, atitude de contestação e insatisfações sociais, intelectualização dos fatos, mudanças de humor, separação do universo familiar, questionamento dos valores sociais, fatores que se desenvolvem em pleno vigor na adolescência.”

Considero importante salientar que é possível fazer uma divisão do rock utilizando os conceitos de circuito superior e circuito inferior da economia de Milton Santos.

Para o autor o circuito superior da economia é definido pelo capital abundante, tecnologia mais avançada na produção, exportação de produtos acabados, organização burocratizada, assalariamento da força de trabalho, financiamento e parceria com o Estado. Já o circuito inferior da economia é definido pelo subemprego, não emprego ou terceirização, pela pobreza tanto na cidade quanto no campo, gerando explorados e oprimidos e não economia ou politicamente marginais, e seria original e complexo, compreendendo a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma



multiplicidade de serviços de toda a espécie, cujas unidades de produção e comércio, de dimensões reduzidas, trabalham em pequenas quantidades (SANTOS, 1979).

Dessa forma, afirmo que existem duas cenas do rock diferentes. Uma faz parte do circuito superior da economia, se configurando como uma verdadeira indústria do entretenimento, que abarca grandes gravadoras, mega eventos, propagandas em mídia especializada e na imprensa dita oficial e utilização das melhores casas de shows das cidades. A outra faz parte do circuito inferior da economia onde negócios e amadorismo caminham juntos. Dentre suas atividades econômicas se encontram: pequenas gravadoras, que muitas vezes se confundem com pequenas lojas de discos, com uma tiragem extremamente limitada; mídia especializada com fanzines e revistas também de poucas tiragens, vendedores ambulantes, lojas em galerias em locais depreciados economicamente, bares em bairros periféricos, muitos deles ocupações.

Essa cena do rock que faz parte do circuito inferior da economia pode ser entendida, segundo os teóricos da comunicação, como parte da cultura *underground* que se configura como um conjunto de práticas discursivas que incorrem nas formas com que esses jovens se posicionam entre si, perante outros grupos, marcando seu terreno na cultura contemporânea (THORNTON, 1994). É parte da cena do rock *underground* da cidade de São Gonçalo, materializada na Praça Chico Mendes, que é o meu objeto de estudo.

Eu compreendo a cena do rock *underground* como mais uma prática sociocultural com demandas específicas que vai disputar o uso do espaço urbano. Devido a este fato, torna-se necessário contemplar o debate sobre o uso do espaço nas cidades.

O espaço urbano é um conjunto de diferentes usos sobrepostos (CORREA 1989, SANTOS 1994, LEFEBVRE 2008), segundo Correa; tendo como agentes sociais de sua produção os proprietários dos meios de produção, sobretudo, os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Para o autor, o espaço urbano é fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim, a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.

Milton Santos relaciona o uso da técnica na formação espacial. A globalização neoliberal tem como meta desarticular as localidades em prol de uma melhor obtenção do lucro. Assim, em sua versão contemporânea, a tecnologia se pôs ao serviço de uma produção à escala planetária, onde nem os limites dos Estados, nem os dos recursos, nem os dos direitos

humanos são levados em conta, exceto a busca desenfreada do lucro, onde quer que se encontrem os elementos capazes de permiti-lo.

A produção desse espaço urbano que tem como base a articulação espacial da obtenção do lucro cria, na concepção de David Harvey, um espaço desigual onde a dinâmica da acumulação do capital pode alterar as formas de espacialidade, gerando desigualdades entre os territórios. Dos conflitos das necessidades e projetos de espaços daqueles que estão à margem dessa produção oficial do espaço na cidade surgem às novas espacialidades, que através dessas práticas sociais são novas formas de representação e interpretação do espaço (HARVEY, 1978).

Dessa forma, entendo a cena do rock *underground* como prática sociocultural criadora de uma nova espacialidade na sua busca por significado e identidade, se contrapondo ao espaço construído do *status quo*, ao espaço do racionalismo liberal que estrutura a cidade para a obtenção do lucro, reestruturando, não sem conflitos de uso, o espaço urbano.

Ao utilizar o uso como forma de estudo para o espaço nos aproximamos do conceito de território. Para Marx, assim como os geógrafos marxistas, o território é definido pelo uso (MARX 1974, SANTOS 1977).

Raffestin, em seu texto “*O que é território*”, coloca primeiramente que o espaço é anterior ao território. Segundo o autor, o espaço é um dado a priori, preexiste à ação do homem em qualquer nível. A sua transformação pela projeção de trabalho, seja energia ou informação, e que revela relações marcadas pelo poder, transforma o espaço em território. O autor destaca a passagem do espaço ao território, salientando o caráter político do processo no trecho seguinte: “Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder.” (Raffestin 1993)

Segundo Raffestin, a territorialidade se constitui como um comportamento que define diferentes esferas de influência em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ainda que de maneira parcial por seus ocupantes. Então, a territorialidade seria a forma mediatizadora da relação dos homens com o próprio território e de sua relação com outros homens. Assim, reflete a multidimensionalidade do “vívido” territorial pelos membros de uma coletividade e pelas sociedades em geral.

Sack (1986) concebe uma noção de territorialidade diferente da difundida pelos biólogos, que a relacionam ao instinto agressivo natural, ligado ao comportamento animal. Não a concebe como elemento instintivo, apesar de ser uma base de poder. Segundo Sack, “a

territorialidade é melhor como uma estratégia espacial para atingir, influenciar ou controlar recursos e pessoas, pelo controle de uma área e, como estratégia, a territorialidade pode ser ativada ou desativada”. O autor destaca a relação existente entre o contexto histórico e geográfico com a territorialidade, de modo que está intimamente ligada ao modo como as pessoas produzem, organizam o espaço e aos significados que atribuem aos lugares.

Segundo Souza, o que define o território é, em primeiríssimo lugar, o poder – e, nesse sentido, a dimensão política é aquela que, antes de qualquer outra, lhe define o perfil. Assim, afirma que o território se constitui como “relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial.” (Souza, 1995). Com isso, o autor não negligencia a relevância que a cultura e a economia exercem na construção de um território.

Entretanto, apesar de o uso diferenciado do espaço urbano pela cena do rock underground no Rio de Janeiro delimitar um território, definido por e a partir de relações de poder, com estratégias buscam sim controlar e influenciar uma determinada área, não o faz delimitando um espaço contínuo. Dessa forma gera vários espaços, nós, como bares, praças, passarelas, galerias e lojas, que compõe esse território e relacionam-se entre si.

A partir desse ponto, entendo que a articulação espacial do meu objeto de estudo além de uma estrutura territorial tem também uma estrutura em rede.

Castells define rede como sendo “*um conjunto de nós interconectados*”, sendo o nó “*o ponto no qual uma curva se entrecorta*”. Segundo o autor, “*o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos*” (1999: 498).

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (Castells, 1999: 497).

Para muitos autores há uma estreita relação entre as redes e os territórios: “*A relação entre redes e territórios é permanente e indissociável.*” (Haesbaert, 2002: 133). O autor completa ainda, “*a estrutura social em rede pode atuar como um elemento fortalecedor do território (vide as redes de infraestrutura no interior de um Estado-nação)*”.

Sendo assim acredito que as:

“...novas concepções, como as de territórios-rede e de redes regionais indicam não a simples superação de antigas realidades (que em muitos casos ainda permanecem) e dos conceitos que procuravam traduzí-las, mas a emergência concomitante de situações mais complexas e, em parte, ambivalentes (BAUMAN, 1999 apud HAESBAERT, 2002), em que o controle e os enraizamentos convivem numa mesma unidade com a mobilidade, a fluidez e os desenraizamentos. (Haesbaert, 2002: 137)”.

Ao analisar parte da cena do rock *underground* na cidade de São Gonçalo utilizei o conceito de território-rede, dessa forma buscarei compreender como a partir dos conflitos de uso do espaço da pra Chico Mendes essa cena cria suas estratégias para influenciar e controlar seus espaços.

4) Os conflitos de uso na praça Chico Mendes

A Praça Chico Mendes está localizada no bairro Raul Veiga, na cidade de São Gonçalo. Durante a primeira década dos anos 2000 a Praça Chico Mendes se constituiu com um lugar estratégico dentro da cena do rock *underground*. Todos os dias, em especial finais de semana, centenas de jovens iam até o local para se encontrar, falar de música, namorar, tocar violão, encontrar integrantes para as suas bandas, beber, fumar ou até mesmo utilizar algum tipo de droga ilegal.

Quando a cultura *underground* transformou essa praça num espaço de referencia identitária transformou o seu território num *lugar* quando passou a dar novo sentido a praça, isto é, tanto um novo entendimento, um novo significado a esse toponímia criada com o nome de um líder seringueiro quanto uma direção, um rumo ao lugar ligado a cultura urbana juvenil *underground* (OLIVEIRA, 2006).

A praça servia como um importante nó no território-rede do rock *underground* de São Gonçalo. Além de proporcionar o encontro e ter atividades na própria praça, como as citadas no parágrafo anterior, tinha uma finalidade estratégica onde a partir dela os participantes tinham conhecimento sobre as demais atividades que estavam ocorrendo no rock *underground* gonçalense, como shows em bares ou colégios, festas e festivais em geral, isso em um tempo onde a internet não era tão disseminada, caracteriza-se como um importante reduto de informação.

A frequência passou a ser tanta que a praça chegou a sediar diversos eventos como festivais de rock, campeonatos de skate, muitas vezes patrocinados pela própria prefeitura e outras vezes custeados pelas bandas mesmo.

Uma análise da paisagem ao redor da praça já sinalizava uma disputa idológica pelo lugar. Diversas igrejas evangélicas passaram a se instalar em seus arrabaldes, inclusive o maior templo gonçalense da Igreja Universal está a menos de 100 metros dela. Dito isto era comum os conflitos entre evangélicos e rockeiros, que diversas vezes disputavam os mesmos espaços. Aqui que o lugar vira território.

Esses conflitos tomaram nova proporção no governo da prefeita Aparecida Panisset, que ficou no poder oito anos, de janeiro de 2005 a janeiro de 2013.

Era conhecido que a prefeita chegou ao poder com o apoio do eleitorado evangélico. Durante seu mandato o município de São Gonçalo descumpriu a instituição de Estado laico criado pela constituição federal de 1988. Fatos como a demolição do primeiro terreiro de Umbanda do Brasil, situado no bairro de Neves, e a exclusiva participação de artistas e pastores evangélicos em inaugurações de obras públicas, comprovam essa afirmação.

O censo demográfico de 2010 constatou que a grande maioria dos moradores da cidade de São Gonçalo professam algum tipo de vertente das religiões evangélica ou seitas protestantes. Mostrando a importância política que esse grupo social passou a ter.

Durante o ano de 2011 ocorreu o fechamento da Praça Chico Mendes para reformas. Só o ato de cercar o local já desterritorializa a cena rock gonçalense, que sem um espaço para o encontro se enfraquece. Mas o golpe final foi dado em 10 de dezembro do mesmo ano, data que segundo o blog *O Território Gonçalense*, marca a utilização do novo nome da praça, passando a ser conhecida como Praça da Bíblia ao invés de Praça Chico Mendes.⁶

Dentro dos argumentos dos que defendem a Praça da Bíblia em detrimento da praça Chico Mendes está a problemática da delinquência juvenil, e do desconhecimento sobre a pessoa de Chico Mendes por grande parte dos gonçalenses.

Quando não desqualificam os frequentadores do local, chamando-os de drogados e delinquentes, questionam também o porquê da polêmica se a maioria dos gonçalenses nem sabe quem é Chico Mendes. E ainda alegam que Chico Mendes não é de São Gonçalo para merecer tanta atenção assim.⁷

No projeto original da EDURSAN⁸ não constavam a reforma das pistas de *skate* e das quadras poliesportivas, fato exposto pelo bloco pontos, mostrando uma grande perda para a juventude da cidade.⁹

O fato de o cercamento da praça acabar com o local de encontro, desterritorializando a cena do rock underground, não faz com que as suas redes constituídas se enfraqueçam, muito pelo contrário, será nesse momento que as redes de solidariedade se fortalecerão na busca da manutenção de seu uso do território.

Desse forma, ocorreram diversas estratégias para dar visibilidade a sua luta, articuladas por suas redes de sociabilidade, como os “roles” do GRAB¹⁰, que ao passar de skate pela cidade gravaram um vídeo na tentativa de conscientizar a população da perda de seu espaço de lazer.

⁶ *O Território Gonçalense* online: <http://www.territoriogoncalense.com/2011/12/estranhissima-obra-da-praca-da-biblia-e.html>

⁷ Idem.

⁸ Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano e Saneamento Ambiental do Município de São Gonçalo.

⁹ Fonte: <http://pontosg.blogspot.com.br/2012/05/praca-chico-mendespraca-da-biblia.html>

¹⁰ GRAB é um grupo de skatista de São Gonçalo, seu vídeo de protesto pode ser assistido no link: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Nc9HJWw-UDs



Outra atuação veio a partir da criação da página *São Gonçalo + Jovem*, no *facebook*, que divulgou o caso, fez abaixo-assinados, promoveu debates tudo isso em prol da manutenção da Praça Chico Mendes.

Essas atitudes surtiram efeito, de tal forma que no dia 19 de maio de 2012 o blog *Ponto SG*¹¹ divulgou o novo projeto de reforma da praça, que seria dividida em duas partes, uma que se tornaria a Praça da Bíblia e a outra se mantendo como praça Chico Mendes, que contemplará as reformas da pista de skate e das quadras poliesportivas.

Anteriormente, no dia 17 de maio de 2012, na comunidade *São Gonçalo + Jovem*, no site da rede social *Facebook*, foi publicado uma planta das novas rampas de skate da Praça Chico Mendes/Praça da Bíblia (coloque os dois nomes, pois no local há duas placas - uma com cada nome). No texto que seguia juntamente com a imagem se dizia:

Praça Chico Mendes terá novas rampas para a prática de SK8. Muito se especulava sobre as obras na Praça Chico Mendes. O São Gonçalo + Jovem resolveu apurar essa história, que não passava de disse me disse e terror político dos partidos que são contra o governo atual. Mas felizmente recebemos a informação que terá sim as rampas de Sk8. A Praça da Bíblia ficará no começo da Praça Chico Mendes, que tem um espaço grande e ocioso mais a frente depois da antiga rampa. Segundo o presidente da EDURSAN (Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano e Saneamento Ambiental do Município de São Gonçalo), Aécio Nery, as novas rampas serão iguais e maiores que as rampas de Chaperó, bairro do município de Itaguaí, no Rio de Janeiro. Enfim, as rampas serão construídas sim!!¹²

Posteriormente, no dia 24 de dezembro de 2011, foi publicada uma declaração contraditória da prefeita no jornal *Extra*¹³, onde ela afirmou que nunca foi sua intenção mudar o nome da praça, apesar de no site da EDURSAN¹⁴ estar claramente escrito:

“O objeto deste projeto básico são os serviços de engenharia para construção da Praça da Bíblia, no local atualmente conhecido como Parque Chico Mendes, no bairro Raul Veiga, Município de São Gonçalo.”

Entretanto a aparente vitória acabou se transformando em uma derrota, pois no dia 27 de dezembro de 2012 ocorreu a inauguração da Praça da Bíblia e as obras de reforma da Praça Chico Mendes não saíram do papel.

Segundo o *Território Gonçalense*¹⁵, os moradores somados aos jovens pertencentes à cena do rock *underground*, protestaram durante a inauguração, que ocorreu no dia 27 de dezembro, mostrando a sua indignação com a palavra descumprida.

¹¹ *Ponto SG*: <http://pontosg.blogspot.com.br/2012/05/praca-chico-mendespraca-da-biblia.html>

¹² <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=367475819975359&set=pb.289755744414034.-2207520000.1377215524.&type=3&theater>

¹³ Jornal *Extra*, sábado 24 de dezembro de 2011.

¹⁴ Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano e Saneamento Ambiental de São Gonçalo. <http://www.edursan.com.br/projetos/urbanismo/122-pc-da-biblia.html>

¹⁵ *O Território Gonçalense* online: <http://www.territoriogoncalense.com/2012/12/protesto-na-inauguracao-da-esquisa.html>



As transformações ocorridas na antiga Praça Chico Mendes, atual Praça da Bíblia, podem ser compreendidas transformações a partir de geossímbolos, que podem ser definidos como:

“um lugar, um itinerário que, por razões religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”. As marcas dos territórios são “[...] uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação partilhado por todos e, em definitivo, o lugar onde se inscreve o conjunto da visão cultural” (BONNEMAISON, 2002).

Podemos perceber que houve uma valorização espacial da cultura evangélica, fortalecendo sua identidade e pertencimento com esse espaço, a partir da construção de monumentos com passagens bíblica, dentre outros símbolos religiosos.

Entretanto, essas mesmas ações, também tem a finalidade de desterritorializar a cultura rock *underground*, num sentido amplo onde ocorre a perda de suas referências espaciais. Assim essas atitudes buscam distanciar os antigos frequentadores, assim como não incentivar que outros jovens, que estão entrando nas redes sociais do *underground* recentemente, de ocuparem esse espaço.

Outro ponto importante na desconstrução simbólica que a Praça Chico Mendes passa é o descaso que a gestão da prefeita Aparecida Panisset, materializado na não inauguração desta com a Praça da Bíblia, apresentou, deixando a obra parada e o local totalmente destruído.

Entretanto, como bastante salientado nesse trabalho, as redes sociais construídas e fortalecidas a partir da antiga Praça Chico Mendes continuam a existir e o espaço desterritorializado da antiga Praça se reterritorializa em outros lugares, apesar de ser penoso que se acabe de um dos mais importantes patrimônios materiais do rock *underground* gonçalense que tanta história tinha para contar.

5) Conclusões

O caso dos conflitos de uso da Praça Chico Mendes mostra os danos que são causados quando o governo privilegia um único grupo social. Dessa forma feriu-se a democracia ao impor um uso único do espaço, constituindo uma espacialidade dominante que se cria a partir da negação do outro e de suas espacialidades.

É possível identificar que as manifestações a favor da Praça Chico Mendes não foram visíveis nas grandes mídias, se concentrando no meio virtual. Além das questões religiosas, outro motivo foi fundamental para que isso ocorresse: A desqualificação do uso do espaço da cena do rock *underground* a partir do discurso preconceituoso de que todos os seus participantes são usuários de drogas ilegais, legitimando, assim, que se negue a eles o consumo do espaço para o lazer.



A pesquisa mostrou a força das redes de sociabilidade constituídas pelo rock *underground*, que mesmo perdendo seu lugar de encontro conseguiram articular estratégias para lutar pelo seu território perdido. Dessa forma a relação intrínseca entre a articulação do território e da rede no rock *underground* gonçalense ficou explícita, mostrando tanto a importância do território para formação das redes, quanto das redes para a manutenção do território, numa relação dialética.

Existe uma relação desleal na formação do espaço social, com sujeitos privilegiados, com alta propensão de transformação do espaço para seu uso específico, e sujeitos desprivilegiados, que influem menos nessa relação. Acredito que a Geografia deva suprir de conteúdos acadêmicos os discursos dos sujeitos desprivilegiados, para que dessa maneira possamos fazer a manutenção da nossa sociodiversidade, que em nossa disciplina se dá a partir da legitimação das diversas formas que se manifestam as espacialidades humanas.

Ao continuar meus estudos sobre o rock *underground* gonçalense é necessário registrar que novos bares foram criados em São Gonçalo, como o Coluba Rock Pub (no bairro do Colubandê), o festival São Gonçalo Rock tem feito shows quase todos os meses. Na Praça Zé Garoto o coletivo Arariboia Rock tem realizado o festival Rock na Pista (com uma média de dois eventos por mês), no bairro Vila Três o evento União das Tribos busca arrecadar dinheiro para a construção de novas pistas de skate para os órfãos da Praça Chico Mendes, o Bar do Blues, o Metallica Pub e o Clube Recreativo Trindade continuam sendo palco de diversos festivais e demais eventos... o rock *underground* resiste, o pulso ainda pulsa!

6) Fontes

Jornais:

- Território Gonçalense
- Extra

Sites e blogs:

- <http://pontosg.blogspot.com.br/2012/05/praca-chico-mendespraca-da-biblia.html>
- www.edursan.com.br/projetos/urbanismo/122-pc-da-biblia.html

Videos:

- http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Nc9HJWw-UDs

7) Referências bibliográficas

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORREA, R. L. & ROSENDHAL, Z. (Orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002. p. 83-131.

C.H. Coob, **La cultura y El pueblo, Barcelona**, 1980; na França: M. Martinet, *culture proletarienne*, Paris, 1976 in: MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações, comunicações, cultura e hegemonia.**

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. SP: Paz e Terra, 1999.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Editora Ática, 1989.

CHRISTE, Ian. **Heavy Metal: A história completa**. Arx, Saraiva, São Paulo, 2010.

FILHO, J. F. & FERNANDES, F. M. “**Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical**”. Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. SP/RJ: Contexto/EdUFF, 2002.

HALL, Stuart & JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Hutchinson, 1976.

HARVEY, David. **Justiça Social e a Cidade**. São Paulo, 1978.

HEBDIGE, David. **Subculture: the meaning of style**. London: Methuen, 1979. Históricos, 1995.

LEFEBVRE, H. “**A Revolução Urbana**”. Humanitas, 2008.

LOPES, Pedro Alvim Leite. **HEAVY METAL NO RIO DE JANEIRO E DESSACRALIZAÇÃO DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS: A MÚSICA DO DEMÔNIO NA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DAS TERRAS DE VERA CRUZ**, Rio de Janeiro 2006. Programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações, comunicações, cultura e hegemonia**, UFRJ, 2009.

MARX, K. “**Formações econômicas pré-capitalistas**”. Paz e Terra, 1974.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. “**Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip Hop na metrópole carioca**”. Niterói 2006. Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.



SACK, R. 1986. **Human Territoriality : its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, M. “**Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**”. In: Boletim Paulista de Geografia. N° 54 A.G.B, 1977.

SANTOS, M. “**O espaço dividido**”, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M. “**Por uma economia política da cidade.**” São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARMENTO, L. **Indústria Cultural, Cultura de Massa e Contracultura**. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/19492>>. Acesso em: 26 de setembro de 2012.

SOUSA, J. (2006) Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política**, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

SOUZA, M. 1995. **O território : sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: Castro, I. et al. (orgs.) Geografia : Conceitos e Temas. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil.

STAHL, Geoff. “It’s like Canadá reduced”: setting the scene in Montreal. In: BENNET, Andy & KAHN-HARRIS, Keith (eds.). **After subcultures: critical studies in contemporary youth culture**, p. 51-64. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

THORNTON, S. “Moral Panic, the media and British rave culture. In: Ross & Rose (ed). **Microphone fiends: youth music and youth culture.**” Nova York, Routledge 1994.

WILLIS, Paul. **Learning to labour: how working class kids get working class jobs**. Saxon House: London, 1977.